

BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

A Conjura (Romance, 1989) – Prémio Revelação Sonangol de Literatura

D. Nicolau Água-Rosada e Outras Estórias Verdadeiras e Inverosímeis (Contos, 1990)

Coração dos Bosques (Poesia, 1991)

A Feira dos Assombrados (Novela, 1992)

Estação das Chuvas (Romance, 1996)

Nação Crioula: A Correspondência

Secreta de Fradique Mendes (Romance, 1997) – Grande Prémio de Literatura RTP

Lisboa Africana (Foto-reportagem, 1997)

Fronteiras Perdidas, Contos para Viajar

(Contos e Crónicas, 1999) - Grande Prémio do Conto Camilo Castelo Branco da A.P.E.

Um Estranho em Goa (Novela, 2000)

Estranhões e Bizarrocos - Estórias para adormecer (Contos para a infância, 2000)

A Substância do Amor e Outras Crónicas (2000)

O Homem Que Parecia Um Domingo (Conto, edição particular, 2002)

O Ano em Que Zumbi Tomou o Rio (Romance, 2002)

José Eduardo Agualusa

O ANO EM QUE ZUMBI TOMOU O RIO

Edição Publicações D. Quixote

Colecção Autores de Língua Portuguesa

"Anjos negros e mulatos, vestidos de branco, com pequenas asas de papelão presas às costas. Quatro homens saem de uma pequena igreja carregando aos ombros, num andor, uma imagem de São Sebastião. Anastácia tira fotografias. Euclides circula por ali, com um gravador, entrevistando os populares. Todas as pessoas estão vestidas de branco. Atrás do andor segue uma pequena banda: dois rapazes soprando trombones, um velho com um clarinete, uma moça de carapinha muito curta, oxigenada, percutindo um tambor. A procissão desenrola-se lentamente. Foguetes estalam. Francisco Palmares vê Jararaca passar a correr, adiantando-se ao andor, com o telefone colado ao ouvido. Grita qualquer coisa ao padre. A procissão detém-se. A música pára. No silêncio súbito o sol esplende no céu com um fulgor mais intenso. Voltam a estalar foguetes. Tiros. Francisco Palmares distingue claramente o latido seco de uma AK-47. Agora é o caos. A multidão dispersa num atropelo, rezando alto, gritando palavrões. O coronel cola-se a uma parede, estala os dedos, procura por Euclides entre a turba que foge. Tem de o arrancar dali, porra, tem de o arrancar dali. Jararaca surge ao seu lado, ofegante, com uma pistola na mão esquerda. Baixa-se e retira de um coldre, preso ao calcanhar direito, um revólver calibre 38. Oferece a arma ao angolano:

"Toma, quero ver se você é homem, mané. Andam dizendo que você tem cabelo no coração. Andam dizendo que você é bom no gatilho. Quero ver isso. Quero ver se é tão fera assim."

Francisco Palmares recusa:

"Não! Esta guerra não é minha!"

Jararaca coloca a pistola sob o queixo do outro e empurra forçando-o a erguer a cabeça. Francisco Palmares fecha os olhos, atordoado pelo sol e pela evidência da morte. O bandido sopra-lhe aos ouvidos:

"É sim meu irmão! Esta guerra também é sua, tá ligado? Tu só precisa escolher de que lado está."

Larga-o e desaparece. O coronel abre os olhos. Um anjo passa por ele num voo curto, tentando galgar um muro, e é atingido pelas costas. Francisco Palmares vê as asas que se soltam, o pequeno corpo que cai e rola, o sangue que espirra sobre a parede e cobre uma inscrição.

"o povo das favelas quer cidadania."

Levanta o 38 e dispara "

CONVERSAS
COM A
Escrita

José Eduardo Agualusa

Apresentação da obra

O ANO EM QUE ZUMBI TOMOU O RIO



18 de Janeiro 2003 • 16.00h

Biblioteca Municipal - Fórum Cultural
Câmara Municipal do Seixal
Publicações Dom Quixote



NOTA BIOGRÁFICA

José Eduardo Agualusa nasceu em Angola, a 13 de Dezembro de 1960, no Huambo, cidade onde decorreu a sua infância e adolescência. Iniciou os seus estudos superiores em Lisboa, tendo frequentado os cursos de Agronomia e Silvicultura. Na universidade integrou o movimento ecologista e iniciou a sua actividade de articulista. Profissionalmente, dedicou-se à escrita (é membro da União dos Escritores Angolanos) e ao jornalismo (venceu já o Prémio de Jornalismo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) tendo sido, entre 1996 e 1998, correspondente do jornal *Público* e da RDP-África.

A obra de José Eduardo Agualusa consagrou-o junto do público e é, de entre os autores africanos de língua portuguesa, um dos mais apreciados. Autor de uma obra já significativa, a sua projecção transcende amplamente o espaço lusófono, pois está traduzida em várias línguas e editada no Brasil, Espanha, França, Itália, Grã-Bretanha, Holanda, Alemanha, Suécia e Noruega. Agualusa define-se como alguém que é escritor e que vive de histórias e para quem a literatura ainda é a arte de contar histórias. O romance *A Conjura*, Prémio Revelação Sonangol, marca, em 1989, o início da sua actividade literária, tendo seguidamente dado à estampa os contos *D. Nicolau Água-Rosada*(...) e o livro de poemas *Coração dos Bosques*. Em 1992, publica a novela *A Feira dos Assombrados*. O romance *Estação das Chuvas*, editado em 1996, revelou-se um êxito editorial e o seguinte, *Nação Crioula*, venceu o Grande Prémio de Literatura RTP. As dificuldades sentidas em Angola por José Eduardo Agualusa no exercício da sua actividade de jornalista, segundo ele devido a “*um forte ambiente de intolerância política*”, levaram-no, em 1998, a partir para o Brasil onde residiu durante algum tempo, alternando esta estadia com frequentes deslocações a Portugal e várias viagens, nomeadamente a Goa e Timor. Destas vivências e deambulações nasceram as obras *Lisboa Africana* (uma foto-reportagem), o livro *Fronteiras Perdidas: contos para viajar*, vencedor do Prémio do Conto Camilo Castelo-Branco da APE, e ainda *Um Estranho em Goa*, obra produzida com o apoio de uma bolsa da Fundação Oriente. Em 2000, José Eduardo Agualusa dá à estampa um belíssimo livro infantil, *Estranhões e Bizarros*, tendo algumas destas histórias sido anteriormente publicadas na revista *Pais & Filhos*, publicação em que o autor colabora. Ainda nesse ano edita *A Substância do Amor e Outras Crónicas* e o livro de contos *O Homem Que Parecia Um Domingo*.

Actualmente, José Eduardo Agualusa reside em Lisboa, e foi aqui que lançou o seu novo romance: *O Ano em Que Zumbi Tomou o Rio*, uma narrativa algo *desterritorializada*, em que a acção decorre no Brasil mas parte das personagens são angolanas. Agualusa reafirma assim o que reclama como o seu *território de caça*: todo o universo de língua

portuguesa e os seus ambientes, e convoca-nos a partilhar os despojos da sua recente incursão brasileira, um romance poderosamente crítico da realidade de marginalização urbana, da pobreza e da segregação racial – termos cada vez mais sinónimos – em que fortemente se inscreve uma intencionalidade social da qual a literatura anda algo arredia.

Num livro cuja escrita cinética, o recurso à alteridade temporal e ao *flash back* narrativo atingem uma dimensão quase cinematográfica, o resultado não é uma história *bizarroca* “para adormecer anjos” mas um romance para acordar os incautos para as consequências de uma opressão provocatória e excesso de pobreza que ofendem sem perdão. Esgotada que parece estar, no contexto actual, a possibilidade de uma saga de tipo neo-realista, *O Ano em Que Zumbi Tomou o Rio* emerge como uma nova forma de abordar e narrar a revolta das favelas brasileiras, territórios em que a marginalidade e a pobreza traçam as linhas da desordem da geografia de exclusão dos universos urbanos, transformando os *casos de polícia* de tráfico de armas, narcóticos e da violência num conflito social declarado. Este radica-se no incontornável lugar-comum de a população negra do Rio sentir que não tem nada a perder: “*Guerra?! Nós, no morro, já vivemos em estado de guerra. Não nos custa nada levar a guerra ao asfalto*”.

Para conduzir esta guerra, o romance invoca antigos mitos e personagens libertadoras da história do Brasil, inscritos na memória colectiva: Xangô, o Quilombo de Palmares, Zumbi e Lampião, símbolos e heróis de um certo *maravilhoso histórico*, pois não existe epopeia sem crença e ambas implicam um sentido heróico de união mítico-simbólica, como a que está em gestação no Morro da Barriga, novamente Palmares, mas agora no coração da grande cidade, ou os actantes angolanos, como se os antigos deuses afro-brasileiros voltassem a cruzar o oceano. E emergem, num regresso inquietante, novos chefes encarnando os antigos mitos. O traficante Jararaca, o líder que reclama uma nova ordem para os negros das favelas, é apoiado por um incómodo jornalista “ressuscitado” no Brasil por, em Angola, não poder permanecer ente vivente, e por um antigo coronel do Ministério da Segurança do Estado a quem o amor de uma mulher-aranha ensombra a vida. Estes africanos aparentam assumir uma função programática na narrativa ao vincularem-se, como figuras de enviados, ao conceito do autor sobre o papel incumprido de África na sociedade brasileira, a filiação mítico-sagrada que reforça a origem africana, a raiz onde procurar a identidade.

As raízes negras e crioulas são um tema recorrente na globalidade da obra de Agualusa, onde persiste, não obstante as expectativas decorrentes dos mais recentes acontecimentos, um certo desencanto com Angola, um ressentimento com o passado

próximo do país, como se o autor, à semelhança da personagem do coronel Francisco Palmares, enfrentasse um dilema: salvar a memória ou salvar-se da memória. A reconciliação adiada talvez viva da desencantada suspeita que a alternativa pode não existir verdadeiramente como uma possibilidade, não obstante a consciência de identidade, o comprometimento assumido, a razão de ser da luta, quer a dos “novos escravos”, quer a dos recentes cidadãos. Talvez seja por isso que José Eduardo Agualusa recusa uma qualquer “visão poética” do movimento do Morro da Barriga e, mesmo na exaltação, ou no excesso, da violência festiva (“*Eu sou é um profeta! Um guerreiro Zumbi. Eu durmo e sonho com sangue. Acordo e continuo sonhando com sangue. Vejo sangue rolando no asfalto (...) O que estamos querendo?! Tu sabe o que nós estamos querendo, maluco? Nós estamos querendo tudo! Queremos enfiar o cano na boca dos brancos e apertar o gatilho. Este país foi-nos roubado e nós queremos é tomá-lo de volta...*”), permanecem as interrogações sobre as dinâmicas, dissidências internas, o aviltamento e os comportamentos que contaminam os desígnios dos empreendimentos, de tal forma que estes se tornam verdadeiramente inatingíveis. Assim sendo, é oracular o título do último capítulo: *Não há finais felizes*. Porquê? Será porque apenas os começos são prometedores? Não se inicia o livro *Do fim para o princípio*, porque por mais justas e pertinentes que sejam as revoluções elas não têm sempre algo de desígnio incumprido? Mas uma invariante incontornável persiste: um fantástico prodígio de crença e adesão que, há mais de trezentos anos, um príncipe rebelde dos Países Baixos tão bem exprimiu: *não é necessário ter esperança para empreender, não é necessário triunfar para perseverar*.

Os heróis de *O Ano em Que Zumbi Tomou o Rio* parecem filiar-se naquela linhagem ao acreditarem, com olímpica serenidade, não haver razão para temer a morte pois a morte é apenas uma bela aventura. Aceitam, com clara evidência, que podem até perder esta batalha. Mas depois da nossa derrota(...) nada será como antes. Mesmo derrotados, teremos vencido. Como Agualusa, também eles devem acreditar que o pessimismo é um luxo dos felizes. Mesmo daqueles cuja felicidade é ciclicamente ensombrada pelos sinais de tensão, de desordem, de caos anunciado na visão apocalíptica: “*se a população se revoltar não grite por socorro / (...) quando o sangue bater em sua porta espero que você entenda / “Se uma guerra amanhã estalar / sei de que lado eu vou estar*”.

Os seguidores de Xangô, o deus da justiça e das tempestades, continuam a aguardar que se cumpram os tempos que a sua saudação ritual invoca: kawó kabiýéssilé! Venham ver o Rei descer sobre a terra!